

ANÁLISE FONÉTICO-FONOLÓGICA DE HINOS DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO ENTOADOS POR DESCENDENTES DE QUILOMBOLAS DO VALE DO GUAPORÉ RESIDENTES EM GUAJARÁ-MIRIM/RONDÔNIA.¹

Geralda de Lima Vítor Angenot²
Cezanildo Alves Soares³
Aristócles Pantoja Vargas⁴

Resumo: Neste artigo faremos uma análise fonética e fonológica, observando a variação dos sons encontrados nos hinos entoados pelos descendentes e remanescentes de afro-guaporeanos⁵ residentes em Guajará-Mirim, os quais trouxeram com eles a festa do Divino Espírito Santo com seus costumes e nos quais estão inseridos também seus falares.

Palavras-chave: Festejo do Divino; Quilombolas do Guaporé; Fonético-fonológica.

1 Aspectos Históricos

Segundo Sérgio Ferretti:

A festa do Divino Espírito Santo foi iniciada no século XIV pelos portugueses, em Açores - Portugal, principalmente pelos franciscanos. A partir deste século, a festa se espalhou para a Nova Inglaterra (Estados Unidos da América), Brasil e África" (FERRETTI, 2007, p. 2).

No Brasil, várias regiões começaram a comemorar esta festa, dentre elas, os estados da Bahia e do Maranhão.

Na época da colonização portuguesa no Brasil, conforme Ferretti, "o governo português enviou casais açorianos para o Brasil, que residiram desde Belém do Pará até em Laguna no estado de Santa Catarina", (2007, p. 5), trazendo com eles a festa do Divino Espírito Santo.

¹ Artigo retirado da monografia "Hinos da festa do Divino Espírito Santo entoados por descendentes de quilombolas do Vale do Guaporé residentes em Guajará-Mirim: uma análise fonético-fonológica", registrado sob nº V297h na biblioteca do *Campus* de Guajará-Mirim/UNIR.

² Pós-Doutora em Linguística pela Universidade Thomas Sthepens Konknni K. Goa (2006), gangenot@yahoo.com, professora da Universidade Federal de Rondônia - UNIR.

³ Mestre em Ciências da Linguagem pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, cezar545@hotmail.com, pesquisador do Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia/UNIR.

⁴ Licenciado em Letras pela Universidade Federal de Rondônia, pantoja_vargas@hotmail.com, estudante pesquisador do Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia - UNIR.

⁵ São quilombolas, os descendentes de escravos que foram trazidos da África para Vila Bela da Santíssima Trindade. Depois da abolição da escravatura, eles povoaram lugarejos do Vale do Guaporé, desconhecidos na época e passaram a residir nessas localidades. Seus descendentes ainda residem até os dias atuais nesses lugarejos. São moradores de Quilombos. Os quilombolas rondonienses são os afro-guaporeanos que moram nos quilombos do Vale do Guaporé, como por exemplo o Quilombo de Pedras Negras e seus pais ou ascendentes residiram nesses quilombos e estes respeitam suas tradições e costumes.

O início da festa do Divino Espírito Santo é relatada por diversas teorias, mas neste trabalho abordaremos sobre o que já foi pesquisado em relação ao festejo do Divino Espírito Santo no Vale do Guaporé.

Conforme anexo ao Estatuto e Regimento Interno das Irmandades do “Senhor Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé – Rondônia”, a origem dessa crença é de Portugal, estabelecida pela Imperatriz D. Izabel, casada com o Imperador D. Dinis, por volta da primeira década do século XIV. O estatuto da Irmandade relata a seguinte história: na época o Imperador, que não era muito santo, quis deserdar o filho legítimo para entregar o trono a um filho ilegítimo. A Imperatriz queria que o filho legítimo fosse o herdeiro de Portugal, e em um desentendimento com o esposo, ele a mandou embora do Palácio Imperial. Refugiando-se em um mosteiro, chorava e suplicava ao “Divino Espírito Santo” para que estabelecesse a paz na Família Imperial e no Império de Portugal, pois havia ameaça de guerra. Com efeito, o filho legítimo, revoltado pela atitude do pai, formou um exército e pretendia apoderar-se do trono pela força. O Imperador e o filho bastardo foram ao encontro dele com outro exército, para dominá-lo. A Imperatriz muito aflita e devota do “Divino Espírito Santo” recorreu a este fazendo uma promessa: se a situação fosse contornada, ela mandaria fazer uma cópia da Coroa do Império, colocando no alto dela o símbolo do Divino (a pomba); e que a mesma haveria de peregrinar, se possível, o mundo inteiro, arrecadando donativos em benefício da população pobre. Quando os dois exércitos iam se aproximando, viram que no meio da planície os esperava um grupo de mulheres de joelhos: era a Imperatriz com umas monjas do Mosteiro, rezando ao “Divino e Espírito Santo”. Declararam aos mensageiros que preferiam morrer ali, a saírem sem ver o pai e o filho reconciliados. Tocados por tamanha fé, o Imperador e o filho legítimo fizeram as pazes. A Imperatriz pediu a ambos que fossem imediatamente agradecer a Deus na Igreja do Divino Espírito Santo, com toda a corte e o povo reunido. O Imperador colocou a Coroa e o Cetro em cima do Altar, agradecendo ao Senhor Divino Espírito Santo pelo feliz desenlace e pedindo a paz definitiva para o Império de Portugal. Todos os anos no dia de Pentecostes renovam aquele ato de gratidão e de fé em louvor ao “Divino Espírito Santo”. Conseguiu a graça, a Imperatriz cumpriu sua promessa. A tradição de Portugal passou para o Brasil, chegando até o Rio Guaporé. (FRANÇA & OLIVEIRA . ANAIS DO IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM - ENICED, 2010, p. 473 - 474)

Observa-se que esta festa originou-se em Portugal, estabelecida pela imperatriz Izabel de Aragão no século XIV em que ela estava aflita pois seu esposo, o imperador Dinis I de Portugal, queria deserdar o seu filho legítimo ao trono imperial e entregá-lo ao filho ilegítimo. A imperatriz Izabel desentendeu-se com o imperador devido o conflito deste com o seu filho legítimo, como consequência deste desentendimento Dinis a expulsou do Palácio Imperial, e a imperatriz refugiou-se a um mosteiro.

No mosteiro, a imperatriz Izabel rogava ao Divino Espírito Santo para que estabeleça a paz no reino Imperial, pois havia ameaça de guerra no reino de Portugal

tendo em vista que o filho legítimo do imperador iria guerrear com o seu pai para disputar o trono real de Portugal. Quando os dois exércitos iam se aproximando, o imperador Dom Dinis e o filho legítimo viram a imperatriz Izabel com algumas monjas na planície rezando ao Divino pela paz em Portugal, diante desta situação, o imperador e o filho legítimo emocionados pela fé da imperatriz reconciliaram-se.

Depois da reconciliação, a imperatriz pediu que Dom Dinis e seu filho legítimo, fossem agradecer a Deus na Igreja do Divino Espírito Santo com toda a corte, levando a coroa e o cetro para colocar no altar da Igreja, e até os dias atuais em Portugal e outras regiões comemora-se a festa do Divino Espírito Santo no dia de Pentecostes.

No início da escravidão no Brasil, os escravos da Bahia foram levados ao Maranhão. Lá desenvolveram sobre forma de sincretismo a festa ao Divino, mas a finalidade dos escravos, eram realizar festa a Oxalá ou Itá, um dos deuses africanos. Com o apoio dos franciscanos, residentes no Maranhão esses escravos que eram comercializados devido a necessidade de mão de obra dos senhores de canaviais, desenvolveram a festa do Divino.

Como nesta época, a Bahia e o Maranhão eram compostos por vários escravos trazidos da África e que estes estados eram próximo a Belém do Pará. Os mesmos fundiram a festa do Divino Espírito Santo, (3º Pessoa do Deus da Igreja Católica Apostólica Romana), a festa ao seu deus Oxalá ou Itá, deus africano do Candomblé e da Umbanda, formando o sincretismo (mistura de duas ou mais religiões). Como diz Ferretti: *“todas as religiões são sincréticas (e) são frutos de contatos culturais múltiplos”*. (2007, p. 1). Ele complementa:

"Arthur Ramos apresenta vários nomes de sincretismo como o: jeje-nagô, mulçumi-banto católico-espírita e caboclo... as festas religiosas afro-brasileiras são sincréticas, pois foram formadas com a inclusão de elementos africanos, ameríndios, católicas e outras... as filhas de santo apreciam santos católicos nos terreiros de candomblé em que elas cultuam ao Divino, elas mesmas são caxeiras tocando hinos ao Divino sendo esta festa bastante comum nos terreiros de mina no Maranhão entre as mães e filhas de santos." (FERRETI, 2007, p. 2 - 5).

Embasados nestes teóricos, pode-se observar que a festa do Divino Espírito Santo é um evento sincrético pois percebe-se a existência cultos católicos, africanos e outros. Pois vemos que as filhas e mães de santo apreciam santos católicos nos terreiros de mina no Maranhão em que elas cultuam ao Divino na qual elas são as caxeiras.

Conforme Verdier, *"a festa do Divino no estado de Rondônia, iniciou-se no Vale do Guaporé em 1894 quando os habitantes de Vila Bela da Santíssima Trindade a trouxeram para a Ilha das Flores"* (VERDIER, 1990, p. 2). Iniciando assim a festa que uniu durante décadas os afro-guaporeanos, e estes fazendo suas oferendas ao Divino, que era apelidado pelos antigos como o santo do Vale do Guaporé.

Segundo Teixeira & Amaral (2010), o batelão⁶ do Divino não passa no Quilombo de Jesus, mas os moradores deste quilombo se dirigem a Porto Murtinho localizado no Rio São Miguel para demonstrar sua fé e agradecer ao Divino por suas bênçãos.

A maior festa afro-rondoniense é a festa do Divino Espírito Santo, realizada em diversos municípios, dentre as que se destacam está a festa do Divino no Vale do Guaporé, que completou, em 2012, sua 118ª festa, sendo composta em parte de devotos descendentes de quilombolas, dentre eles conforme Gonçalves (2009) " do Quilombo de Pedras Negras e Santo Antônio do Guaporé".

Para os afro-guaporeanos, este festejo não é uma simples festa, mas uma crença, uma fé religiosa profunda, sendo para eles a terceira pessoa do Deus da Trindade Católica, igual a todas as outras pessoas da Trindade Católica, Deus Pai e Filho. Enquanto Javé e Jesus Cristo estavam ocupados com os outros fazeres da terra, o Divino Espírito Santo estava com eles no Vale do Guaporé, pois o Divino não era um santo, mas o Deus Todo Poderoso que se auto criou, na qual é protetor das catástrofes, da fome, das doenças, que ama, cura, salva e também corrige os seus seguidores que desviam de seu caminho.

Segundo Soares e Angenot:

"os descendentes de escravos do Vale do Guaporé construíram uma história de luta e resistência à escravidão, que assim formaram diferentes grupos em diversas localidades do Vale do Guaporé, mas continuamente mantendo-se em contato uns com os outros, contribuindo assim para o desenvolvimento sociocultural e econômico da região." (2010, p.2).

Esta festa é previamente preparada e realizada no dia de Pentecostes, que acontece 50 dias depois da Páscoa, dias em que os devotos do Espírito Santo passam em peregrinação por todo o Vale do Guaporé, que vai desde Pimenteiras até o distrito de Surpresa, em Guajará-Mirim, sendo comemorado o festejo final no dia de

⁶ Vide página 8.

Pentecostes em Pimenteiras, Rolim de Moura, Pedras Negras, Versalhes, Costa Marques e Surpresa - Guajará-Mirim.

Conforme Joana Darc Dias de Souza⁷, Eliséia Leguisamon Monteiro pertencia a Irmandade do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé e chegou por aqui em meados de 1949. Percebendo a falta que sentia da festa ao seu santo Divino, começou a realizá-la em sua residência em 1964. Em 1966 foi realizada a primeira festa com a coroa abençoada por um missionário católico na Ilha Saldanha. A festa de 1966, 1967 e 1968 era composta por um barco (imitando a batelão⁸ do Vale do Guaporé) que saía de Guajará-Mirim até a Ilha Saldanha, no rio Mamoré.

Hoje, a Irmandade da Ilha Saldanha comemora a festa na residência de Joana Darc Dias de Souza, no bairro Triângulo, devido ao barranco da Ilha estar desmoronando-se, sendo esta irmandade composta em sua maioria por descendentes dos moradores do Vale do Guaporé e bolivianos.

Bartulino Canuto Gomes relatou que a festa do Divino Espírito Santo iniciou em 1977 na cidade de Guajará-Mirim, na qual ele foi o primeiro imperador e juntamente com Maria Angelina Gomes Serrath realizaram a festa do Divino tendo imitado a festa do Divino Espírito Santo do Quilombo de Pedras Negras que festejaram durante três dias.

Segundo Maria Angelina Gomes Serrath⁹, em 1973, na cidade de Guajará-Mirim, não havia uma capela ao Divino, e o bairro São José era composto em sua grande maioria de vários moradores e remanescentes vindos do Vale do Guaporé devotos ao Divino Espírito Santo.

Conforme França & Oliveira, *"A romaria dessa Irmandade iniciou-se no município de Guajará-Mirim, em 1965, pela senhora Zuleide e seu esposo, Antonio Mercado, mas o seu registro, como Irmandade "Senhor Divino Espírito Santo", foi somente em 1977."* (2010, p. 471).

Maria Angelina Gomes Serrath pediu ajuda dos moradores do bairro São José para construir uma capela ao Divino, e o bispo Dom Geraldo Verdier solicitou ao padre Roberto para realizar a primeira festa do Divino Espírito Santo no bairro São José em

⁷ Joana Darc Dias de Souza é filha de Eliséia Leguisamon Monteiro, nascida no Quilombo de Pedras Negras, atualmente é coordenadora geral da Irmandade do Divino, Ilha Saldanha em Guajará-Mirim e ela continua a festa que era coordenada pela sua mãe.

⁸ Vide página 8.

⁹ Maria Angelina Gomes Serrath nasceu no Quilombo de Pedras Negras. Foi a primeira coordenadora da Irmandade Geral do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim.

1977, na capela do Divino Espírito Santo sob a coordenação geral de Angelina Gomes Serrath, filha de Julião Gomes, formando assim a Irmandade Geral do Divino Espírito Santo de Guajará-Mirim, ajudada pela diocese, sendo a primeira festa oficial composta pelos seguintes membros: Maria Angelina Gomes Serrath – coordenadora geral / Bartulino Canuto Gomes – imperador / Ernesto Pereira - mestre.

A Irmandade Geral do Divino Espírito Santo, coordenada por Maria Angelina Gomes Serrath respeitava as festas realizadas ao Divino no bairro Tamandaré e a festa realizada na Ilha Saldanha, realizadas por promesseiras. Em 2011 a Irmandade Geral¹⁰ do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim, tinha 33 anos de existência em Guajará-Mirim, sendo coordenada por Laurindo Canuto Gomes, o encarregado da Coroa era Landolfo dos Santos e o diretor chefe da festa o bispo Dom Geraldo Verdier.

Conforme é feito no Vale do Guaporé, os devotos do Divino de Guajará-Mirim levam a coroa pela cidade, nas casas dos promesseiros, devotos e simpatizantes nos 50 dias de peregrinação.

O informante Landolfo dos Santos¹¹ afirmou que a coroa do Divino Espírito Santo da Irmandade Geral de Guajará-Mirim, saiu pela primeira vez a caminhar pela cidade de Guajará-Mirim, durante 50 dias, no ano de 1995, romaria na qual os romeiros saíam pedindo ofertas aos devotos para a realização e comemoração da festa do Divino Espírito Santo.

Uma das festas é realizada na casa de Eduarda Calazans, iniciando no sábado até o domingo de Pentecostes. Antes os devotos fazem a novena de preparação da espiritualidade para o dia da festa.

Na Irmandade do bairro Santa Luzia e na da Ilha Saldanha vemos vários elementos do Vale do Guaporé: a bailarina, o bailarino, o bar, o salão, o encarregado da Coroa e o mestre responsável por ensinar os hinos aos foliões. Havia, antigamente, o canjinjim,¹² tipo de bebida dessa festa, agora substituído pela chicha. O candindim, é um licor feito segundo eles por mel de abelha, cravo e álcool. É uma espécie de

¹⁰ A Irmandade Geral do Divino Espírito Santo em Guajará-Mirim está localizada na Avenida Princesa Isabel, bairro São José, na Igreja Católica do Divino Espírito Santo. Tem 33 anos de existência. É presidida por Laurindo Gomes da Silva e é composta por 50 pessoas, isso fora os simpatizantes e outros.

¹¹ Landolfo dos Santos foi várias vezes mestre na Irmandade Geral do Divino Espírito Santo, e em 2011 foi Coordenador Geral e Encarregador da Coroa do Divino da mesma irmandade.

¹² Candindim, canjinjim: bebida tipo licor que alguns dos seguidores da festa do Divino em Guajará-Mirim já tomaram na Festa do Divino no Vale do Guaporé, e de vez em quando seus parentes trazem do Vale do Guaporé para eles.

bebida energética que era oferecida aos foliões. Segundo Furtado (2009, p. 72) o canjinjim, é uma espécie de licor afrodisíaco e também é usado pelos dançarinos da festa do Congo.

Atualmente, essa festa é composta pelo imperador da festa, imperatriz da festa, capitão do mastro (segundo a informante Eduarda Kalazans sempre será um homem), Alferes da Bandeira, caixeiro e os foliões que são doze crianças que vão entoando os hinos no meio da multidão. Os hinos entoados são copiados da festa do Divino do Vale do Guaporé.

No local da festa há o bar, o salão em que todos reverenciam com um beijo a coroa, a bandeira e a pomba do cetro, há o salão de dança na qual eles passam dançando durante toda a noite de sábado e o dia de domingo, há a cozinha onde eles oferecem almoço no domingo de Pentecostes.

Depois de todos os fiéis beijarem a coroa e a bandeira, o bailarino e a bailarina iniciam o baile que dura a noite toda do sábado passando também pelo domingo de Pentecostes até o fim da tarde, momento em que eles sorteiam os festeiros para o próximo ano. Nesta festa existe o bar para eles comprarem bebidas alcoólicas.

Podemos notar a presença de vários vocábulos na festa, alguns para nomear personagens de festejo, esses designados por responsabilidades no festejo. São eles:

"Encarregado da Coroa" - é a pessoa que deve guardar a coroa durante os 50 dias de caminhada pela cidade;

"Bailarino" - é aquele que abre o baile da Festa do Divino no sábado depois dos fiéis serem abençoados pela coroa e pela bandeira;

"Bailarina" - é a pessoa que faz o par com o bailarino no início do baile da Festa do Divino;

"Alferes da Bandeira" - é o responsável de carregar a bandeira do Divino durante os 50 dias de caminhada e no próprio dia da festa;

"Capitão do Mastro" - é o responsável pelo mastro que é carregado no dia da Festa do Divino;

"Imperador da Festa" - é o que recebe a coroa cheia de fitas do encarregado da coroa no dia da festa;

"Imperatriz" - é a companheira do imperador da festa e conforme Furtado (2009, p. 28) ela é responsável pelo cetro e o oferece aos devotos para beijarem a pomba acima do cetro;

"Mestre" - é o responsável por ensinar as músicas aos foliões e toca o violão durante os 50 dias de caminhada, e pode ter um auxiliar;

"Caixeiro" - é o responsável por tocar um tambor ou caixinha na festa acompanhando o mestre e os foliões. Conforme Furtado "é o caixeiro quem marca o ritmo para os proeiros dentro da embarcação no Vale do Guaporé." (2009, p. 27).

"Foliões" - são doze crianças de 7 a 12 anos que saem cantando os hinos acompanhando o mestre;

"Batelão" - é o barco em que os seguidores do Divino navegam no Vale do Guaporé durante os 50 dias de caminhada, visitando várias localidades.

2 Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho seguiu as diretrizes da pesquisa de campo e da abordagem qualitativa, visando *"um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e segundo sua estruturação"*. (OLIVEIRA apud SIENA, 2007, p. 62)

No primeiro momento, foram feitas leituras bibliográficas concernentes ao histórico da festa do Divino Espírito Santo e sobre teorias fonéticas e fonológicas. Posteriormente, foram entrevistados oito remanescentes e descendentes de quilombolas residentes em Guajará-Mirim. Através dessas entrevistas, pôde-se coletar aspectos históricos da festa do Divino, pois também estes informantes participam ou participaram ativamente nesta cidade.

As informações prestadas foram registradas através de gravador digital utilizando como conteúdo os hinos em anexos e conforme Rauhen:

De entrevistas não estruturadas nas quais são caracterizadas pela ausência de um formulário prévio de questões, exigindo assim maior domínio das técnicas de entrevista, pois há certas circunstâncias em que o pesquisador terá de ter uma sintonia fina com o entrevistado. (RAUEN, 2002, p. 193).

No segundo momento, realizou-se transcrição fonética dos seguintes hinos: *"Levantamento do Mastro"*, *"Petição e Agradecimento a Esmola"* e *"Saudação aos Festeiros"*, entoados por três descendentes quilombolas, seguido de análise fonológica dos mesmos e estabelecendo um comparativo dos fenômenos linguísticos

recorrentes nos cantos dos vocalistas. No terceiro e último momento, os dados foram organizados, analisados e estão apresentados neste trabalho.

Os informantes entrevistados são descendentes de remanescentes quilombolas que viveram ou foram trazidos em décadas passadas para o Vale do Guaporé, e no momento da pesquisa residiam em Guajará-Mirim, todos têm vínculo cultural e histórico com os afro-guaporeanos.

3 Aspectos Sociolinguísticos

A pesquisa tem como pressuposto teórico a análise fonológica embasada na teoria de Cagliari e Massini Cagliari (2008), Fiorin (2003), Cagliari (2002) e Massini-Cagliari (1992) no que diz respeito aos fenômenos fonéticos e fonológicos e suas possíveis variações, também foi como base teórica Cristófaró (2000) na transcrição fonética dos respectivos hinos a serem analisados.

[...] um mesmo padrão rítmico pode ser dito com maior ou menor velocidade de fala - assim como uma estrutura musical não perde o ritmo se executada mais rápida ou mais lentamente... variações de velocidade de fala tende a causar modificações fonéticas. Quanto mais veloz for a fala haverá uma tendência maior para a centralização vocálica, a queda de segmentos, para a co-articulação, perda de qualidades articulatórias e a perda da inteligibilidade da fala. Ao diminuir a velocidade normal da fala, o falante também passa a ter problemas de articulação e o ouvinte de percepção. A inserção de segmentos e a perda de qualidades articulatórias são os traços mais notáveis. (MASSINI CAGLIARI & CACLIARI. IN: MUSSALIM & BENTES, 2008, p. 117)

Pode-se observar que em um padrão rítmico, a variação da velocidade de fala na música pode ser executada com maior ou menor velocidade causando modificações fonéticas, dentre elas a centralização vocálica, queda de segmentos, co-articulação, a inserção de segmentos e outros fenômenos. Nos hinos que foram analisados ocorreram vários fenômenos linguísticos, dentre eles o caso de monotongação, velarização, sândi, apócope, epêntese, aférese e outros, que foram analisados e explicados nas análises de dados.

4 Análise de dados

Por questões didáticas haverá separação de uma pronúncia da outra, ou seja na pausa. Para facilitar as análises usar-se-á o símbolo [] para demonstrar a propagação temporal do fone, pois segundo Maia "o tempo da pronúncia de um segmento, pode ser longo ou breve. Registram-se os segmentos longos através do sinal diacrítico [] colocado logo após o som alongado" (MAIA, 2006, p. 75), podendo assim registrar a maior duração da vogal.

Nesta parte será transcrito foneticamente os hinos coletados na pesquisa e para facilitar as transcrições haverá abreviaturas do nome dos informantes, sendo assim estruturadas: AN: Antônio Evangelista, IZ: Izabel Oliveira Assunção e ED: Edilene Dias.

4.1 Transcrição Fonética do hino Levantamento do Mastro

A pombinha vem voando por cima do belo astro

AN: [απο)υβι)]φ)π(ε)φ)πY)]δο πο)σIμα] δοβελYυαστPY]

IZ: [αpõbι):/]vẽnuã]du poP)si:m] dubelυ)astru]]

ED: [απο)βI)]j)απ(ε)πυ)]δY ποσι)μα] δYβελYυαστPY]

Vem dizendo: "Viva, viva, viva ao Capitão do Mastro"

AN: [(ve)φ)dZi)ze)]dY viv)υvi:vα vivukapi)τ)Y dY)mastrY]

IZ: [vẽdizẽ]du viv)υvi:vα viv)ukapitãYdu)mas:tru]

ED: [(π(ε)δι)υζ(ε)]δY π(ε)πυ)]π(α π(ε)αYκαπι)τ)YδYμαστPY)]]

Vem dizendo: Viva, viva, viva ao capitão do Mastro,

AN: [(ve)φ)dZi)ze)]dY viv)υvi]va vivukapi)τ)Y do)mastrY]

IZ: [vẽdi)zẽ:du viv)υvi:vα viv)ukapitãYdY)mas]tru]

ED: [(π(ε)δι)υζ(ε)]δY π(ε)πυ)]π(α π(ε)αYκαπι)τ)YδYμαστPY)]]

Viva ao capitão do Mastro. Viva a todas as irmandades.

AN: [vivaυka]pi)τ)υ δY)μαστPY π(ε)π(α)το]δ)ζιΦμ)υδαδZi]

IZ: [viv)u)ka]pitãu du)maΣ]tru vivato]daζiΦmẽ)υdadZi]]

ED: [(π(ε)αYκαπι)]τ)YδYμαστPY π(ε)π(α)το]δαζι |μα)υδαδZiσ]

Senhor Divino nos conceda a celeste eternidade.

AN: [(σ(ε)φ)οδZi)π(ι)]vY v)Iσκο)υσε]δ) ασEυλEστSI EtEξνι)υδαδZi]

IZ: [kiYdiuvi]nY vuskõuse]d□ aselestΣieteξniυdadZi]

ED: [σεj)οδιυπι]vY vYσκο)υσε]δ□ ασελεστIετηηvυδαδZI]

Senhor Divino nos conceda a celeste eternidade.

AN: [σεφ)οδZIυπι]vY υv□Iσκο)υσε]δα ασευλεστΣI EτEξvυδαδZI]

IZ: [kiYdiuvi]nY vusko)υse]d□ aselestΣieteξnIυdadZi]

ED: [σεj)οδιυπι]vY vYσκο)υσε]δ□ ασελεστIEτEηvυδαδZI]

Viva ao capitão do Mastro viva aos anos de desejo.

AN: [πιπαYκα]πιυτ□)Y δYυμαστPY πιπ□ουζα)vοσ κιδευζε]Z□]

IZ: [viv□uυka]pitãudumastru viv□uυζa]nus kideυzez□]

ED: [πιπ□αYκα]υπιτ□)YδYμαστPY πιπαYυα]vYσκιδεξε]Z□]

A graça do Senhor Divino, que hoje no mundo se festeja

AN: [αγραυσα]dusIφ)οδZIυπι)]nY κιοZIvουmũ]δυfestez□]

IZ: [ki□υgra]s□ duse]ordiυvi]nu o3inuυmũ]dufesteza]]

ED: [κιαυγPα]σ□ δYσεj)οδιυπι]vY κιοZIvYμυ)δYυφεστε]Z□]

A graça do Senhor Divino, que hoje no mundo se festeja

AN: [αγραυσα]dusIφ)οδZIυπι)]nu κιοZIvουmũdufestez□]

IZ: [α]υgra]s□ duse]ordiυvi]nu κιοzinumũ]υdufesteza]]

ED: [κιαυγPα]σα δYσεj)οδιυπι]vY κιοZIvυμυ)δYυφεστε]Z□]

Análises fonológicas encontrados no hino de Antônio Evangelista

1º Processo - Assimilação regressiva do traço nasal: neste processo houve a nasalização da vogal seguida de consoante nasal. Conforme Fiorin (2003, p. 49) a nasalização é um processo de assimilação comum no Português, em que a vogal tônica que precede a consoante nasal se nasaliza, pelo método da assimilação neste caso, regressiva.

→ → → (/ ____ N

Exemplos: / πoNυβι]α / → [πoυ)βI)φ)□], / διπινo / → [διπI)vY]

2º Processo - Nasal palatal que se realiza como aproximante palatal nasalizada /j/ → [φ)].

$\text{J} \rightarrow \varphi$

Exemplo: / πoN∪βI)α / → [πo)∪βI)φ)□]

3º Processo - Variação estilística de som da pronúncia hiperarticulada para a hipoarticulada em posição não acentuada.

$\text{/ o /} \rightarrow [\text{Y}]$

Exemplos: / do∪mastro / → [δY∪μαστPY]

4º Processo - Apagamento da vogal na fala: devido a hipoarticulação da fala há a perda do som [□] ocorrendo o apagamento da vogal no final da primeira palavra e quando houver a hiperarticulação da fala há a preservação do som [□].

$\text{V} \rightarrow \text{O} / ______ \#\#$

Exemplos: /viva ao kapi∪ta)ο/ → [πIπoKαπI∪τa)Y] = hipoarticulado.

/ viva ao kapi∪tão/ → [πIπ□∪KαπI∪τa)Y] = hiperarticulado.

5º Processo - Palatalização: a nasal alveolar sonora /n/ se realiza como aproximante palatal nasalizada [φ]) no final de sílaba precedida de vogal anterior.

$\text{N} \rightarrow \varphi) / ______ \$$

Exemplo: / πεN / → [πε)φ])

6º Processo - Alongamento Vocálico: o levantamento da entonação na voz provoca um alongamento na vogal.

$\text{V} \rightarrow \text{V} \bar{\text{I}}$

Exemplos: / viva ao capita)ο / → [πIπoYκα]πI∪τa)Y]

/ 'viva a todas as irmaNdades / → [πIπaτο]δαζIΦμα)∪δαδZI]

7º Processo - Hiperbibasmo¹³: o deslocamento da sílaba tônica ocorre devido o alongamento da vogal para manter a entonação da voz no hino. Neste caso, o deslocamento ocorreu da esquerda para a direita, quando há este tipo de ocorrência, pode-se dizer que houve o processo diastólico¹⁴.

$\text{∪} \$ \$ \rightarrow \$ \cup \$$

Exemplo: /a∪grasa do se)or/ → [αγPa∪σα]δυσε)φ)ο]

¹³ Hiperbibasmo - é o processo que compreende o deslocamento do acento ou fonema numa palavra, nas línguas modernas abrange apenas na transposição de elementos supra segmentais , ou seja o acento.

¹⁴ Diastólico - nesse processo há o avanço do acento tônico. Exemplos [a∪gPaσ□] se realizou [agra∪sa] para acompanhar a melodia do hino entoado.

8º Processo - Apócope: na fala desse informante o fonema vibrante alveolar / r / que pode ser pronunciado [x] em alguns contextos é apagado [O] no final da palavra.

$\rho \rightarrow O / ___\#$

Exemplo: / se(ɔ)or / → [σɛ(ɔ)φo]

9º Processo - Palatalização da oclusiva alveolar sonora: neste processo ocorre segundo Cristófaru "o fenômeno de palatalização de oclusivas alveolares que é descrito foneticamente por segmento africado [δZ]" (2000, p. 57) . Neste fenômeno há a variação entre [d] | [δZ] (a variação entre oclusiva alveolar sonora e africada pós alveolar sonora). Pode ocorrer esse processo em sílaba pós tônica na qual a vogal / e / se torna / i /, no caso do lexema¹⁵ irmandade.

$\delta \rightarrow \delta Z / ___i$

Exemplo: / veN di(ɔ)zeNdo / → [ve)dZi(ɔ)ze]dY]

/ irmaN(ɔ)dade / → [iΦμ(α)δ(α)δZI]

10º Processo - Assimilação: O fonema /r/ que é realizado como o fone fricativo velar surdo [x] transforma-se em fricativo velar sonoro [Φ] devido a assimilação da sonoridade do fonema [m].

$\rho \rightarrow \Phi / ___m$

Exemplo: / viva a todas irmaN(ɔ)dades / → [viβ(α)to]δ(α)ziΦμ(α)δ(α)δZI]

Análises fonológicas encontradas no hino de Izabel Oliveira

1º Processo: Tapização e Apagamento da Vibrante Alveolar /r/: O vibrante alveolar /r/ se realiza [P] e [O] em final de palavra. Nesse caso há a pronúncia [poP], na maioria dos falares do Português do Brasil, se pronuncia o som fricativo velar [x] ou o glotal fricativo [h], já a informante conserva o fone tepe alveolar vozeada [P].

A informante pronuncia o fone tepe [r], comum na fala dos remanescentes de quilombolas, ela herdou essa pronúncia de seus familiares e mantém a pronúncia mais tradicional. O fonema / ρ / → [P], se mantém com tepe no final de algumas

¹⁵ Neste caso é um termo linguístico designado a palavra.

palavras. Exemplos [seʊoP], ou o fonema $\rho \rightarrow O / ___ \#$, como em "um bom lugar" [ũbõʊluga].

Pode ser que o fonema /r/ se mantenha em final de sílaba tônica [seʊoP] e se apague em final de sílaba átona [bõʊluga], pois com o deslocamento do acento tônico para esquerda afim de manter a entonação da voz, a sílaba passou a ser átona e perdeu o som [ρ] final.

$r \rightarrow [P], [O] / ___ \#$

Exemplos: / por / → [poP]

/ uN bom lugar / → [ũbõʊluga]

2º Processo - Pós alveolarização e alongamento da fricativa pós alveolar: o alongamento da fricativa alveolar ocorre para manter a entonação melódica do canto. A pós alveolarização é uma consequência do alongamento já que o contexto sonoro aí no caso não interfere no processo e a informante utiliza a variante alveolar na sua fala.

$\sigma \rightarrow \Sigma \bar{ } / ___ \$$

Exemplo: / ʊmastro / → [ʊmaΣ̄|tru]

3º Processo: Palatalização¹⁶ da oclusiva alveolar surda.

$t \rightarrow t\Sigma / ___ i$

Exemplos: / se|este / → [se|estΣI]

4º Processo - Nasalização: a nasalização não acontece quando houver um limite da palavra ou sílaba, somente ocorre quando houver nasalidade na coda¹⁷ silábica.

$V \rightarrow V \text{)} / ___ N\$$

Exemplos: / muN\$do / → [ʊμ\text{)}δY],

/ se\$|or / → [se\text{)}or]

Análises fonológicas encontradas no hino de Edilene Dias

¹⁶ Vide página 19.

¹⁷ É o fonema final da sílaba.

1º Processo: Conservação de som: devido a hiperarticulação, há a preservação do fone [ɲ] na fala da informante.

Exemplo: / viva ao kapitão / → [ʋiʋɲαYκαʋπιτα)Y]

2º Processo - Apócope¹⁸ da vibrante alveolar /r/ e alongamento vocálico.

/ r / → O, V / ____ #

Exemplo: / se/or / → [σej)ο]

3º Processo - Sonorização¹⁹: neste processo o som fricativo alveolar surdo [s] se torna um som fricativo alveolar sonoro vozeado [z].

σ → ζ / V ____ V

Exemplo: / todas as irmandades / → [το]δαζι |μα)δαδZισ]

4º Processo - Palatalização²⁰ da oclusiva alveolar sonora.

δ → δZ / ____ ι

Exemplo: / viva a todas irmaNdades / → [ʋiʋατο]δαζι |μα)δαδZισ]

4.2 Petição e Agradecimento pelas Esmolas

Dá esmola a este Senhor

AN: [δαισʋμ]λα εστΣIσεʋφ)ο]

IZ: [deisʋm]la aestΣiseʋφ]

ED: [δαισʋμ]λ αεστΣισεʋj)ο]

Dai e não vos arrependei

AN: [δαιʋνα) ʋYζαξεʋπε)δε]

IZ: [deinãʋvaiθaxεʋpe)de:]

ED: [δαιʋνα)Y ʋvζαξεʋπε)δε]

Lá no reino de Deus Pai

AN: [λαvY)ʋξE]I9vY δZιʋδεYσπαI9]

IZ: [lanʋre]I9nu dZiʋdeuspa]I9]

ED: [lanʋξε]I9nu dideusʋpa]I9]

Ele vai lhe agradecer

¹⁸ Vide página 13.

¹⁹ Vide página 20.

²⁰ Vide página 13.

AN: [ελιπαΙ9λ9ιαγΡαυδεσε]

IZ: [elivaI9λ9Iagradeuse:]

ED: [elivaI9λ9agradeuse:]

Lá no reino de Deus Pai

AN: [λανΥυξε]I9νΥ διυδεΥσπαI9]

IZ: [lanυυre]I9nu diυdeuspa]I9]

ED: [lanυυξεI9]nu diυdeusυpa]I9]

Ele vai lhe agradecer

AN: [ελιπαΙ9λ9ιαγΡαδευσε]

IZ: [elivaI9λ9Iagradeuse:]

ED: [eliυvaI9 λ9agraυdese:]

Dai esmola a este Senhor

AN: [δαισυμ□λα εστΣIσε)υφ)ο]ο]

IZ: [deisυm□]la aestΣiseυ/ορ]

ED: [δαεσυμ□λα αεστIσευj)ο]ο]

Que terá a sua recompensa

AN: [κιτευΡα]σΥα]ξεκουπε]σ□]

IZ: [kiteυras] axekoυpēs□]

ED: [kiteυras] ασυ↔xekōυpēs□]

Cá na terra Pai entre os homens

AN: [καναυτε]ξ□ παI9ε)τPIYυζο)μI]

IZ: [kan□υτε]x□ paisυētrIυζο)]mēφ)]

ED: [kan□υτε]x□ paI9ētrυυζοmI)σ]

Lá no céu Divino apresenta

AN: [λανΥ)υσεΥ υδιπιν□υλυI9σ]

IZ: [lanυυσευ divina]pρευze)s□]

ED: [lanυυσευ υdivinuapρευze)τ□]

Cá na terra Pai entre os homens

AN: [καν□υτε]ξ□ παIε)τPIYυζομε)]

IZ: [kan□ute|x□ paisētru□ζo)me)φ]

ED: [k↔n□ute|x□ paI9ētru□ζomi]

Lá no céu Divino apresenta²¹

AN:[λανυ)σEY δι)πιν□λυI9σ]

IZ: [ulanυ)σευ divi)να]pre)ζε)s□]

ED: [lanυ)σευ υdivinu)pre)ζε)τ□]

Deus vos pague a esmola

AN: [υδEYσπυσπα|I αIσ)μ□]λ□]

IZ: [deusvυσπα||i ais)μ)λ□]

ED: [δεYσπυσπα||i ais)μ)λ□]

Que deste com alegria

AN:[κIδEσ)τΣI] κο)αλε)γPI9□]

IZ: [ki)des]tΣI k)ale)gri]□]

ED: [ki)δεσ]τI κο)αλε)γPι□]

Senhor Divino Espirito Santo

AN: [σε)φ)οδι)πι]]νY εσπι)PIτYσα)]τY]

IZ: [se)φ)odi)vi]]nu espi)ri]tusa]tu]

ED: [σεj)οδι)πι]]νY εσπι)PIτYσα)]τY]

Fica em vossa Companhia

AN: [φικ□ε)π□σασκο)πα)I□]

IZ: [fik□ēv)]sako)pa)I□]

ED: [fik□ēv)σ□ k)opa)I□]

Senhor Divino Espirito Santo

AN:[σε)φ)οδι)πι]]νY εσπι)PIτYσα)]τY]

IZ: [se)φ)odi)vi]]nu espi)ritusa]tu]

ED: [σεj)οδι)πι]]νY εσπι)PIτYσα)]τY]

Fica em vossa Companhia

AN:[φικ)ε)π□σασκο)πα)I□]

²¹ Apresenta, presença e luz são variações lexicais apresentadas pelo o entoador, mas o que estava escrito no hino apresentado por Raimundo Tiago Assunção era o lexema apresenta.

IZ: [fikẽvɔ̃s kõpaɯ/ɪ]

ED: [fikaɯpã ãvɔs kõɯpajɪ]

Deus vos pague a esmola

AN: [ðeYσɔYσɯpa | I aɪσɯμ | λ]

IZ: [deusvɯspa | | iaisɯmɔɪ]

ED: [ðeYσɔɯσɯpa | i aɪσɯμ | λ]

Deus vos tem muito a que dá

AN: [ðeYσɔɯσɯte) | φ) μɯɪ9τYκɪɯδα | α]

IZ: [kideuste | μɯɪ9tɔkiɯda:]

ED: [ðeYσɔYσɯte) | μɯɪ9τYακε)ɯδα |]

Cá na terra o que quiseses

AN: [kanaɯte | ξ | υκɪκɪɯζɛɾɪ]

IZ: [kanɯte | xɛ ukekize | ɾɪs]

ED: [kanɯte | xɯ uσkɪkiɯze | ɾɪs]

Lá no céu um bom lugar.

AN: [lanɯσɛY υ)βo)λYɯγα |]

IZ: [lanɯσɛɯ ãbõɯluga]

ED: [lanɯσɛɯ ãbõɯluga |]

Cá na terra o que quiseses

AN: [ka vɯte | ξ | Yκɪκɪɯζɛɾɪ]

IZ: [kanaɯte | xɯ uκɪkiɯze | ɾɪ]

ED: [kanɯte | xɛ uσkɪkiɯze | ɾɪs]

Lá no céu um bom lugar.

AN: [lanYσɛY υ)βo)λYɯγα |]

IZ: [lanɯσɛɯ ãbõɯluga |]

ED: [lanɯσɛɯ ãbõɯluga |]

Análises fonológicas encontradas no hino de Antônio Evangelista

1º Processo - Despalatalização parcial da aproximante palatal: o som lateral aproximante palatal [x] se torna um som lateral alveolar [λ] acompanhado de uma articulação secundária [ʒ] diante da vogal [i].

Pode-se perceber que também há a formação de ditongo na junção de palavras /xe agradezer/ → [λʒIʒαɣPαδε∪σε].

$x \rightarrow \lambda \text{ʒ} / _ i$

Exemplo: /ελI παi xe αγPαδεσερ/ → [ελI παIʒλʒIʒαɣPαδε∪σε]

2º Processo - Palatalização

2.a - Palatalização da oclusiva alveolar: o som oclusivo alveolar [τ] é palatalizado pelo som [i] e se realiza como africada pós alveolar surda. Segundo Cristófaru (2000, p. 147) o alofone [tʃ] é uma variação do fonema /t/ diante do fonema /e/ após este sofrer um levantamento para [i].

$\tau \rightarrow \tau \Sigma / _ i$

Exemplo: /ke deste/ → [κIδεσ∪τΣI]

2.b - Palatalização da oclusiva velar: o som oclusivo velar [ɣ] é palatalizado e realizado como oclusivo palatal sonoro [ʝ] diante da vogal [e] após esta sofrer um levantamento para [i] comum no fim de palavras e sílabas átonas.

$\gamma \rightarrow \text{ʝ} / _ i$

Exemplo: /∪page/ → [∪παʝI]

2.c - Palatalização da nasal alveolar: O som nasal alveolar [v] é palatalizado diante da vogal [i], se transformando no som nasal palatal [ʝ̃].

$v \rightarrow \text{ʝ̃} / _ i$

Exemplo: /kopania/ → [κo)∪παʝ̃I]

3º Processo - Apócope: ocorre o apagamento do fricativo alveolar surdo /s/ no final de sílaba.

$\sigma \rightarrow \emptyset / _ \text{\$}$

Exemplo: /o ke kizEres/ → [YκIkI∪ζEPi]

4º Processo - Sândi: ocorre quando aparece duas vogais, uma no fim da palavra e outra iniciando a palavra seguinte e a primeira se apaga. Exemplo: /divino # a # luz/ → [διπiναλυIʒ].

Segundo Tenani, "os processos de sândi vocálico externo, é caracterizado por um encontro de núcleos de duas sílabas que resulta apenas em uma sílaba simples CV, com um núcleo ou coda preenchidos por vogais no caso da ditongação". (2006, p. 114)

Observa-se que no exemplo da palavra "apresenta" ↗ "luz", essa variação com a troca de palavras foi uma distração do informante.

$V \rightarrow O / _ \# \#$

Exemplos: / divino a lus / → [ðivinaλvI9σ], / divino apreseNsa / → [divina]preUze)s□

5º Processo - Sonorização: nesse caso há a sonorização da fricativa alveolar surda /s/ que se torna em fricativa alveolar sonora /z/ em contexto intervocálico.

$\sigma \rightarrow z / V _ V$

Exemplo: / entre os homens / → [ε)τPIυζο)με)I]

Análises fonológicas encontradas no hino de Izabel Oliveira

1º Processo - Tapização²²: a vibrante alveolar tornou-se um tepe alveolar entre vogais.

$\rho \rightarrow P / V _ V$

Exemplo: / la no Ureino/ → [l□vυUre]I9nu]

2º Processo - Preservação do fonema //: o fonema // se mantém e não varia. Enquanto na pronúncia dos demais informantes o // é pronunciado [φ], a informante conserva a nasal palatal, mantendo assim a forma mais tradicional do falar afro-guaporeano.

Exemplo: / se/or / → [seU)οP]

3º Processo - Sonorização: neste caso o fricativo alveolar surdo [s] se torna um fricativo alveolar sonoro [z] devido estar intercalado entre duas vogais.

$\sigma \rightarrow \zeta / \rightarrow _ \rightarrow .$

Exemplo: / entre os homens / → [ε)τPIυζο)με)I9].

²² Vide página 14.

4º Processo - Apócope: há o apagamento da fricativa alveolar surda /s/ em final da palavra, comum na Língua Portuguesa do Brasil.

$\sigma \rightarrow \emptyset / _ \#$

Exemplo: / u ki kiʊzEris/ → [ukɛkizɛʊri]

5º Processo - Sândi²³: há o apagamento da vogal em contexto de junção no limite das palavras.

$V \rightarrow \emptyset / _ \#\#.$

Exemplo: / divino aprezeNsa / → [divinaʔpreʊzɛ)sɔ]

Análises fonológicas encontradas no hino de Edilene Dias

1º Processo: Palatalização²⁴ da oclusiva alveolar surda /t/.

$t \rightarrow tʃ / _ i$

Exemplo: / este se/or/ → [ɛstɛʃtʃisɛʊo]

2º Processo - Preservação do fonema /s/, que é também o morfema para marcar pluralidade.

Exemplo: / o que quiseses/ → [uskikiʊzɛʔris]

3º Processo - Apócope: no final da palavra há o apagamento do fricativo alveolar surdo no fim da palavra.

$\sigma \rightarrow \emptyset / _ \#$

Exemplo: / pai entre os homens / → [paɪɛ̃tɾuʊzomɪ]

4º Processo - Sândi: há o apagamento do fonema /e/ na junção das palavras já explicado anteriormente pelo processo Sândi.

$\varepsilon \rightarrow \emptyset / _ \#\#$

Exemplo: / pai entre os homens / [paɪɛ̃tɾuʊzomɪ]

5º Processo - Preservação da nasalização: O fonema /e/ nasalizado varia para o alofone /i/ nasalizado no final da palavra.

$\varepsilon) \rightarrow i) / _ \#$

²³ Vide página 20.

²⁴ Vide página 19.

Exemplo: / pai entre os homens / → [paI9ëtruUζomi]

4.3 Transcrição fonética do hino Saudação aos Festeiros

A pombinha vem voando no bico traz uma flor

AN:[(απο)βι] |φ) □ (ε)πYU □]δο |ο vYβιUκY | τPαζυ)μ □ Uφλο |ο]

IZ: [(απο)bi] |nevẽnuU □) |du nobi |kutrazumaUφλορ]

ED: [(απο)βι] |j) □ (ε)πYUα) |δY vYUβι |κY τPαIζυμ □ Uφλο]]

Vem dizendo: "Viva, viva, viva ao nosso Imperador"

AN:[(ε)διUζε] |δY τιτ □ Uτι |τα, τιτ □ ον □ σYI)πEUΡαδο]]

IZ: [vëdiUzë |du vivẽ Uviva vivaYnɔsũipeUradop]

ED: [(ε)διUζε] |δY τιτ □ Uτι |τα τιταYUv □ σY I)πEPαUδο]]

Vem dizendo: "Viva, viva, viva ao nosso Imperador"

AN:[(ε)διUζε] |δY τιτ □ Uτι |τα τιτ □ ον □ σYI)πEUΡαδο]]

IZ: [vëdiUzë |du vivẽUvi |va vivaYnɔsU)peUradop]

ED: [(ε)διUζε] |δY τιτ □ Uτι |τα τιταYv □ σYI)πEPαUδο]]

A pombinha vem voando por cima da bela matriz

AN: [(απο)βι] |φ) □ (εφ))πYUα) |δY ποσιμα |δ □ βE |λ □ UματPIσ]

IZ: [αpõubi] |nevẽnuU □) |du posi |madabelamaUtriΣ]

ED: [αpõubi] |j)nevẽnuUα |du posi |madabelamaUtris]

Vem dizendo: "Viva, viva, viva a nossa imperatriz"

AN: [(ε)διUζε] |δY τιτ □ Uτι |τα τιτ □ αν □ σ □ I)πEUΡ □ τPIσ]

IZ: [vëdiUzë |du viv □ Uvi |va vivano |s □ I)peUtratriΣ]

ED: [(ε)διUζε] |δY τιτ □ Uτι |τα τιτ □ αν □ σ □ I)πEUΡ □ τPIσ]

Vem dizendo: "Viva, viva, viva a nossa imperatriz"

AN:[(ε)διUζε] |δY τιτ □ Uτι |τα τιτ □ αν □ σ □ I)πEUΡ □ τPIσ]

IZ: [vë diUzë |du vivẽUvi |va vivano |saI)peUtratriΣ]

ED: [(ε)διUζε] |δY τιτ □ Uτι |τα τιταUv □ σ □ I)peUtratriΣ]

A pombinha vem voando por cima do belo astro

AN:[(απο)βι] |φ) □ (ε)πYUα)δY ποσιμα | δYUβEΛYαστPY]

IZ: [αpõbi]jneṽvu□)]du poPsi:mædubelu□astru]

ED: [αpõbi]j)eṽvu□ã]du poPsi:mædubelu□astru]

Vem dizendo: "Viva, viva, viva ao Capitão do Mastro"

AN: [τ(ε)διυζε)]δY τιτ□υτι]τα τιταYκαπιτα)YδYυμαστPY]

IZ: [ṽediυzē:du viṽυvi:ṽ viṽεukapiυt□)udumas:tru]

ED: [ṽediυzē:du viṽε υvi:vα viṽαukapiυt□)udumas:tru]

Vem dizendo: "Viva, viva, viva ao Capitão do Mastro"

AN:-----

IZ: [ṽediυzē:du viṽευvi:vα viṽεukapiυt□)udumas]tru]

ED: [ṽediυzē:du viṽευvi:ṽε viṽεukapiυt□)udumas:tru]

A pombinha vem voando por cima da laranjeira

AN:[αποβι]]φ□ταI9υυα]δY ποσιμα]δαλαΡα)Zε]P□]

IZ: [απο)bi]]neṽvu□)]du popsi]madalarãυzeI9r̃ε]

ED: [αpõbi]j)eṽvu□ãdu posi]madalarãυzeI9r̃ε]

Vem dizendo: "Viva, viva, viva ao Alferes da Bandeira"

AN:[τ(ε)διυζε)]δY τιτ□υτι]τα τιτασφEPIεσ δ□βα)υδεP□]

IZ: [ṽediυzē]du viṽευvi]vα viva]iferisdaβ□)δεI9P□]

ED: [τ(ε)διυζε)]δY τιτ□υτι]τα υτιταωφEPισδαυβα)δεI9P□]

Vem dizendo: "Viva, viva, viva ao Alferes da Bandeira"

AN: [τ(ε)διυζε)]δY τιτ□υτι]τα τιτασφEPIεσ δ□βα)υδεP□]

IZ: [ṽediυze]du viṽευvi]vα viva]iferisdaβ□)δεI9P□]

ED: [τ(ε)διυζε]δY τιτ□υτι]τα τιταωφEPισδαυβα)δεI9P□]

Análises fonológicas encontradas no hino de Antônio Evangelista

1º Processo - Apócope e alongamento compensatório: o apagamento da vibrante alveolar [r] no final de palavra e o alongamento compensatório da vogal em final da palavra.

ρ → O / ____ #
V → V] / ____ #

Exemplo: / flor / → [ϕλo]

/ iNperador / → [I)πE∪Pαδο]

2º Processo - Fricatização da lateral alveolar: houve a fricatização do fonema lateral aproximante alveolar [l] pelo som fricativo alveolar [σ], foi por influência do som [ϕ] que é fricativo, foi apenas nessa palavra que aplicou-se essa regra linguística.

Conforme Cristófaró (2000, p. 50) a assimilação é caracterizada pelo fato de um segmento adquirir uma propriedade de um segmento que lhe é adjacente. Logo então / l / se torna em [σ] devido a proximidade com o som [ϕ] que é fricativo.

Pode-se observar também que nessa variante linguística do informante o /l/ é pronunciado por /w/ em fim de sílaba.

$\lambda \rightarrow \sigma / ____ f$

$\lambda \rightarrow \omega / ____ \$$

Exemplo: / alfEres / → [ασ∪ϕEPI9εσ]

/ mal / → [μαω]

3º Processo - Monotongaço: " A monotongaço é o processo que há a redução de ditongo, nesse caso do /εI9/ em /ε/ e este fenômeno é comum na fala da comunidade afro-guaporeana, nas variedades brasileiras e no Português de Portugal." (ANGENOT & SOARES, 2011, p. 12). Na pronuncia [βα)∪δεP□] ocorre a monotongaço pois em vez de ser pronunciada [βα)∪δεI9P□] pronunciou-se [βα)∪δεP□].

$eI9 \rightarrow e$

Exemplo: / baNdeira / → [βα)∪δεP□]

4º Processo: Epêntese: a inserção da semivogal [I9] na última sílaba formando ditongo com a vogal meio fechada alta que é [e]. Considerando que é comum na variedade afro-guaporeana a monotongaço, percebemos que essa ditongaço foi favorecida pelo ambiente sonoro de [es] para manter a melodia do canto.

$O \rightarrow V9$

Exemplo: / alfEres / → [ασ∪ϕEPI9εσ].

Análises fonológicas encontradas no hino de Izabel Oliveira

1º Processo - Apócope com alongamento compensatório em final de sílaba: neste fenômeno a semivogal [I9] cai e ocorre o prolongamento da vogal meio fechada [e].

$\rightarrow \bar{\text{I}} \rightarrow \text{O} / \text{ ______ } \#$

Exemplo: / açepeNdei / \rightarrow [axeUpe)de]

2º Processo - Velarização da lateral em final de sílaba: neste caso há a pronúncia [aʁUferis] ocorrendo a velarização do fonema /l/. Conforme Cristófar " a velarização consiste no levantamento da parte posterior da língua em direção ao véu palatino com a articulação de um determinado segmento consonantal." (2000, p. 35). O fone [l] apresenta propriedade articulatória secundária de velarização que pode ser encontrada em outros dialetos do Brasil.

$\lambda \rightarrow \text{l} / \text{ ______ } \$$

Exemplo: / alferes / \rightarrow [aʁUferis]

3º Processo: Conservação da vibrante alveolar /r/: o som vibrante alveolar sonoro [r] conserva-se sem variação no falar da informante, o que é uma marca do falar da geração mais antiga.

$\rho \text{ ______ } \#$

Exemplo: / imperador / \rightarrow [ĩpeUradop]

Análises fonológicas encontradas no hino de Edilene

1º Processo: Apócope²⁵ em final de palavra: neste processo ocorre o apagamento da vibrante alveolar /r/ no final da palavra flor.

$\rho \rightarrow \text{O} / \text{ ______ } \#$

Exemplo: / tras uma Uflor / \rightarrow [τPαIσυμUφλο]

2º Processo - A preservação do ditongo na hiperarticulação: Nesse caso o ditongo /eI9/ não perde a semivogal /I9/ que se mantém como ditongo.

Exemplo: / alferes da bandeira / \rightarrow [αwUφEPισδαUβα)δεI9P]

5 Análise Comparativa

²⁵ Vide página 25.

Nesta análise comparativa serão abordados somente alguns fenômenos fonéticos e fonológicos que foram identificados como variação regional, enquanto os outros fenômenos não foram analisados pois suas variações são em maiorias na Língua Portuguesa do Brasil.

Quadro 2: Comparação variacional no hino " Levantamento do Mastro"

Palavra ou frase oficial	Antônio	Izabel	Edilene
Pombinha	πo)βι)φ]□	πo)βι]□	[πo)βI]]α]
Senhor	[σε)φ)o]]	[se]oP]	[σε]o]]
Todas irmandades	[το]δαζιΦμα)δαδZI]	[to]daζιΦmẽ)δαδZi]]	[το]δαζι μα)δαδισ]

Fonte: Vargas (2013)

Observa-se neste quadro que o lexema pombinha varia o fonema /j/ para o alofone [φ] no exemplo [πo)βι)φ]□ somente com o informante Antônio; já com os outros dois informantes mantém a nasal palatal /j/, o que deduzimos ser devido seu Antônio estar apenas há 10 anos na cidade de Guajará-Mirim, já os outros estão há mais tempo, porém é Izabel e Edilene que conservam a forma mais arcaica.

A informante Izabel conserva o fonema /r/ com o alofone [P] conservando uma marca tradicional, já Antônio e Edilene não conservam esse fonema /r/ em compensação Antonio prolonga o fone [o]].

No terceiro caso, nas pronúncias de Antônio e Izabel, o fonema /r/ se transforma no alofone [Φ] devido a assimilação da sonoridade que este fonema obteve do fonema /m/, já no caso de Edilene é o alofone fricativo glotal surdo []].

Observa-se que as duas informantes do sexo feminino parece conservar mais a forma fonológica arcaica, mas ainda precisa de um estudo sociolinguístico detalhado para certas inferências.

Quadro 3: Comparação da variacional no hino " Petição e agradecimento pelas esmolas"

Palavra ou frase Oficial	Antonio	Izabel	Edilene
Vos pague	[vυσ)πα I]	[vus)pa] I]	[vυσ)πα ι]

Divino apresenta	[ðivino]vaλvI9σ]	[divi]na]preUze)s□]	[vdivi)nuapreUze)τ□]
Vai lhe agradecer	[vaI9λ9IagradeUσε:]]	[vaI9λ9IagradeUσε:]]	[vaI9λ9eagradeUσε:]]
Senhor	[se)Uφ)o]]	[seU/oP]	[σεU/o]]

Fonte: Vargas (2013)

Os informantes utilizam o alofone [] do fonema /g/ antes de /i/ comum em todas as variedades da Língua Portuguesa.

O processo sândi aqui analisado ocorre devido a ditongação no ajuntamento de duas palavras e prevalece o som mais forte e o segundo fone em posição de ataque silábico²⁶, aqui representado pelo fone [α] não desaparece e o fone [u] que está em posição de coda²⁷ silábica da primeira palavra desaparece nos exemplos: /divino a luz/ →[ðivino]vaλvI9σ], /divino apresenta/ →[divi]na]preUze)s□] e /divino apresenta/ → [vdivi)napreUze)τ□].

Quadro 4: Comparação da variação linguística no hino "Saudação aos Festeiros"

Palavra ou frase oficial	Antonio	Izabel	Edilene
Alferes	[aσφEPIεισ]	[aʁφEPεσ]	[awφEPIσ]
Imperador	[I)πEUPαδο]]	[ĩpeUrador]	[I)πEPαUδο]]
Bandeira	[δ□βα)UδεP□]	[βα)δεI9P□]	[Uβα)δεI9P□]

Fonte: Vargas (2013)

Nesse caso o fone [l] ocorre três variações com os seguintes alofones [s], [ʁ] e [w], no caso de Antonio há a fricativização do fonema /l/ que se tornou o alofone [s], no caso de Izabel este mesmo fonema se tornou o alofone [[ʁ] pelo processo de velarização e já o caso de Edilene o /l/ se tornou no alofone [w] mais comum no

²⁶ É quando um som com oposição ao outro, disputam uma mesma posição silábica.

²⁷ É o último som da sílaba.

Português da cidade. No caso da palavra imperador há o caso do fonema /r/ que se preservou como [r] pelo processo de vibração comum nos habitantes do interior. O caso de monotongação ocorre apenas com Antônio na palavra bandeira enquanto as informantes do sexo feminino entoam com o ditongo [eI9] comum no Português do Brasil.

Conclusão

Com a vinda dos descendentes de quilombolas para a cidade de Guajará-Mirim, em meados do século XX, trouxe com eles seus costumes, crenças, sua língua. Trouxeram também a festa mais antiga deste povo que é a festa do Divino Espírito Santo que completou em Guajará-Mirim sua 44ª edição, pela Irmandade da Ilha Saldanha. Esta comunidade chegou a esta cidade nos movimentos migratórios que ocorreram nas décadas de 50, 60 e 70 do século XX. A cidade de Guajará-Mirim, na época, era uma das cidades mais importantes do Estado de Rondônia, devido ao ciclo da borracha, incentivando estes migrantes dos quilombos do Vale do Guaporé se fixaram nesta cidade.

Analisando o sistema fonético-fonológico dos "hinos do Divino", nos permitiu descrever e analisar os processos fonológicos, sendo alguns normais da fala e outros especiais das entoações dos cantos como o alongamento e mudanças na posição da sílaba tônica.

Quanto ao léxico utilizado pelos quilombolas, percebe-se que estes preservam palavras, na qual marcam o vocabulário, por exemplo "canjinjim", e alguns processos fonéticos e fonológicos. Observa-se que há variação com o mesmo informante, como manter ou apagar o fonema /r/ final por exemplo. Há diferentes tipos de pronúncias para o fonema /r/, o vibrante alveolar sonoro varia com o alofone [x] fricativo velar, o que parece ser uma evolução do sistema sonoro por conta do convívio com os moradores da cidade.

A mesma informante que mantém o fonema /r/ da fala tradicional dos quilombolas também mantém a pronúncia do fone [ʀ] enquanto que os demais informantes usam o fone [ʁ] que também pode ter sido assimilado do falar da cidade.

Pode-se considerar uma tendência geral em manter as vogais médias abertas ao invés de fazer o levantamento. Isso não é comum entre os falares da cidade, o que nos leva a deduzir que seja da fala tradicional dos quilombolas.

Percebe-se que, nas informantes do sexo feminino há uma tendência a manter uma forma mais arcaica em suas pronúncias. Para poder confirmar com precisão, haveria a necessidade de desenvolver uma pesquisa sociolinguística comparativa entre os falares quilombolas envolvendo diferentes gerações, assim como a diferença de sexos para melhor entender a variação ocorrida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGENOT, Geralda de Lima Vítor. SOARES, Cezanildo Alves. Aspectos Morfofonológicos do falar afro-guaporeano. In: ANGENOT, Geralda de Lima Vítor. PESSOA, Maria do Socorro.. KEMPF, Catherine Bárbara. **Linguística da Amazônia: estudos e pesquisas sobre as diversidades (sócio)linguísticas e culturais em Rondônia.** Porto-Velho: Edufro, 2010.

CALLOU, Dinah. LEITE, Yonne Leite. **Iniciação a fonética e fonologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Fonética.* In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Ana Christina. **Introdução a Linguística: domínios e fronteiras.** Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** São Paulo: Contexto, 2000.

FERRETTI, Sérgio. **Sincretismo e Religião na festa do Divino.** Revisto em 01 de Março de 2013 no site: <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Sincretismo%20a%20Festa%20do%20Divino.pdf>. Acessado no e-mail: ferretti@elo.com.br, em 01 de Julho de 2010.

FIORIN, José Luiz. **Introdução a Linguística: princípios de análise.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FURTADO, Hildeniza Castro da Silva. **Levantamento de lexias características dos falares do Guaporé, com especial menção dos possíveis bantuísmos.** Orientador: Dra. Geralda de Lima Vítor Angenot. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia. Guajará-Mirim: Mestrado em Ciências da Linguagem, 2009.

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística: subsídios para professores indígenas.** Brasília. Ministério da Educação, 2006.

OLIVEIRA, Oleides Francisca de. FRANÇA, Maria Cristina Victorino de. **Manifestação cultural religiosa dos ribeirinhos do município de Guajará-Mirim/RO.** IV Encontro Internacional de Educação e Linguagem. Porto Velho: Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2010.

SIENA, OSMAR. **Metodologia da Pesquisa Científica**: elementos para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos. Porto Velho: Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2007.

TANANI, Luciani. **Considerações sobre o processo de sândi e ritmo**. Vitória da Conquista. nº 3. Questões de fonética e fonologia: uma homenagem a Luis Carlos Cagliari. Estudos da Língua(gem), 2006.

TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues. AMARAL, Gustavo Gurgel. **Quilombolas de Jesus**: Vale do Rio São Miguel do Guaporé / Rondônia. Porto Velho: Editora e Gráfica WB, 2010.

VERDIER, Geraldo. **A história do Divino no Vale do Guaporé**. Guajará-Mirim: Prelazia Católica de Guajará-Mirim, 1990.